

A TRADUÇÃO COMO POLÍTICA. CONVERSA COM RICARDO RODRÍGUEZ PONTE.

Entrevistado por: Adriana Bauab* e Alejandra Ruíz**.

Tradução:

Alba Escalante*** e Kamilla Pacheco****

A história da Psicanálise na América Latina está atrelada à história de suas traduções. Em espanhol, contamos com duas traduções da obra de Sigmund Freud direto do alemão. No Brasil, contávamos apenas com uma única tradução - feita a partir do inglês - até 2007, ano da entrada de sua obra em domínio público. No que se refere ao ensino de Jacques Lacan, contamos com traduções oficiais e oficiosas. As primeiras correspondem ao estabelecimento feito por Jacques-Alain Miller, herdeiro legal dos direitos sobre sua obra. Já as oficiosas são aquelas feitas por diversos grupos de psicanalistas. As motivações que levam a produzir essas últimas são diversas, como discutido por Escalante (2015).****

Entre as traduções oficiosas, destaca-se o trabalho de Ricardo Rodriguez Ponte, que faleceu em 2014, deixando incompleto um trabalho de valor inestimável tanto para a comunidade psicanalítica como para os pesquisadores dedicados ao aprofundamento das relações entre tradução e psicanálise. O valor das suas traduções não pode ser calculado mediante a redução dicotômica fidelidade-infidelidade, mas pela honestidade derivada das inumeráveis fontes de consulta, o rigor de suas propostas de tradução e seu posicionamento expresso como psicanalista e tradutor para o castelhano da obra de Jacques Lacan. A entrevista que aqui traduzimos foi publicada pela primeira vez na revista argentina *LaPsus Calami*, Revista de Psicanálise, nº 4, outono 2014, volume

* Adriana Bauab. Psicanalista. Membro da Escola Freudiana de Buenos Aires.

** Alejandra Ruíz. Psicanalista. Membro da Escola Freudiana de Buenos Aires.

*** Alba Escalante. Professora Adjunta da Universidade de Brasília. Doutora em Estudos da Tradução (UFSC). Membro da Escola Lacaniana de Psicanálise – Brasília.

**** Kamilla Pacheco. Bacharel em Tradução pela Universidade de Brasília (UnB) e Jornalista.

***** ESCALANTE, Alba. *Semejantes Extraños: Traducción comentada de "O Sujeito e seu Texto" de Teresa Palazzo Nazar*. 2015. Tese (Doutorado em Pós-Graduação em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina.

consagrado ao problema da tradução e das línguas, sob o título: *La Traducción en Psicoanálisis*.

Em nossa tradução, adotamos critérios como a manutenção dos títulos das publicações como mencionados no texto original, sendo agregadas as referências correspondentes às edições brasileiras na primeira aparição. Também incluímos algumas traduções oficiosas realizadas no Brasil, além de referências citadas pelo autor.

Com este trabalho, queremos contribuir com a divulgação de produções que buscam estabelecer uma interface entre Psicanálise e Tradução, brindando o público brasileiro com a presente entrevista.

As tradutoras.

Ricardo Rodríguez Ponte reside em Buenos Aires, onde pratica a psicanálise e levou adiante o seu ensino. Proferiu e publicou numerosos seminários e artigos. Membro da Escola Freudiana de Buenos Aires, Analista Membro da mesma Escola (AME). Desde o começo dos anos 80, são reconhecidas suas traduções da obra de Lacan para o castelhano, que realiza em fichas para circulação interna da Escola. Encarou essa tarefa não a partir do ofício de tradutor de francês, mas concernido na transferência do ensino de Lacan. O esmero de seu trabalho fez com que – utilizando diversas transcrições dos seminários – realize cada tradução com suas correspondentes versões críticas, dando lugar às varias acepções de sentido que o jogo homofônico discursivo oferece. O reconhecimento de sua tarefa vê-se refletido no indiscutível aporte oferecido para a formação de analistas de sucessivas gerações.

Adriana Bauab: Como foi que você decidiu começar a traduzir os seminários de Lacan?

Ricardo Rodríguez Ponte: Por volta dos anos 80, decidi aprender francês lendo Lacan. Eu tinha algumas alunas que sabiam francês e fizemos uma troca. Então, começamos a fazer outra tradução dos *Escritos*.¹ Comecei aí. Por vezes, descansávamos dos *Escritos*,

¹ LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

que eram bastante difíceis, e passávamos para alguns dos seminários – creio que era *Las psicosis*², que saiu por volta do ano de 82, e então pegamos várias aulas. Foi uma maneira de aquecer e de aprender a ler, não a falar.

A.B.: Quais foram as primeiras dificuldades?

RRP.: Comecei com isto, fazia-o para mim e quando a Escola³ apresentou o plano de ensino em 86, surgiu a ideia de trabalharmos em distintos cartéis de ensino a propósito do seminário *Las formaciones del inconsciente*⁴. As aulas foram divididas entre os diferentes membros, dentre eles, Silvia Amigo, María del Carmen Meroni e eu. Então, me animei e cheguei até a aula 12. Mas me deparei com um problema. Tínhamos apenas uma versão, uma fotocópia vinda da França, e era uma versão que, ademais, tinha outro problema: havia duas aulas sem numeração e adicionadas depois. Assim, comecei a compreender que aos problemas próprios da tradução somava-se outro de base, aquele dos textos das transcrições dos seminários. Naqueles tempos, a Escola já tinha feito *La angustia*⁵, numa excelente tradução de Irene Agoff; havia outra boa tradução de *La ética*⁶, de Ana Najles, e uma tradução terrível de *La transferencia*⁷ feita por um grupo que partiu de uma fonte não apenas incompleta, mas também ruim.

Então, eu, junto com outros, ficamos cientes de que havia um problema: o de ter o texto dos seminários. Não tínhamos. Da editora Paidós havia pouco, não sei se tinha sido publicado *Encore*⁸⁹.

² LACAN, Jacques. *O Seminário -Livro 3- As psicoses*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Trad. Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1988.

³ Refere-se à *Escuela Freudiana de Buenos Aires* (EFBA) da qual é membro, tal e como consta na apresentação.

⁴ LACAN, Jacques. *O Seminário -Livro 5- As formações do inconsciente*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

⁵ LACAN, Jacques. *O Seminário -Livro 10- A Angústia*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

⁶ LACAN, Jacques. *O Seminário -Livro 7- A Ética da Psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Trad. Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

⁷ LACAN, Jacques. *O Seminário -Livro 8- A Transferência*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Trad. Dulce Luque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1992.

⁸ Título em francês do seminário ditado por Lacan nos anos 1972-1973. Em espanhol o seminário foi titulado: *Aun*, sem acento, erro evidente. A versão crítica de Ricardo Rodríguez Ponte, para circulação interna da Escola Freudiana de Buenos Aires, corrige o título e propõe substituí-lo por: *Otra vez* [N. do T.].

⁹ LACAN, Jacques. *O Seminário -Livro 20- Mais, ainda*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.1, n.2, p. 72-89, 2015.

A. B.: Os *Escritos* já estavam traduzidos?

R.R.P.: Sim, mas não fazia muito tempo. Primeiro saiu a *La lectura estructuralista de Freud* – que quase causou um piripaque em Lacan quando ficou sabendo que tinham dado esse título¹⁰ -, depois editaram uma versão dos *Escritos I*, que não conservava a ordem dos escritos, e depois, ao final, saiu outra mais ou menos corrigida e revisada, que tem muitos erros, mas bem, é outra coisa. Foi revisada por Nasio, mas continua tendo erros. Há alguns anos, Marcelo Pasternac fez um livro com os 1236 erros, erratas¹¹, que não foi muito lido. Vê-se que a comunidade não se ligou de que há um problema. Uma comunidade que se diverte tanto fazendo citações não se deu conta de que, na melhor das hipóteses, estavam citando incorretamente.

A.B.: **Eu me pergunto quais distinções há entre a tradução de um texto literário e a tradução dos seminários, porque é justamente neles que se trata de um discurso que faz o eixo de uma prática. Então, aí começa existir uma diferenciação entre o que é uma tradução literária e o que é traduzir, por exemplo, Lacan.**

RRP.: Como muita gente disse, acho que as minhas traduções são muito boas. Não são as que eu gostaria de fazer, mas acho que são boas. Por quê? Porque quando começo a traduzir Lacan eu já tinha lido quase todo Lacan e, acho, já tinha estudado suficiente. Do ponto de vista daquilo que hoje sei, penso que nesse momento não sabia nada, mas já era bastante. Ou seja, entendo que para traduzir Lacan a matéria tem que ser conhecida.

Segundo, eu acho conveniente que seja traduzido por um psicanalista e não por um tradutor profissional. Porque não é apenas conhecer a teoria, mas também tem que se conhecer a práxis à qual está referida.

Penso que também tem que se conhecer bem o castelhano. No início eu não sabia muito de francês, mas conhecia bem o castelhano. Quando entrei na Escola dei vários seminários com Rolando Karothly e também sozinho, e eu corrigia a desgravação (às

¹⁰ Sobre o episódio ver: VELASCO GARCÍA, José Refugio; PANTOJA PALOMEROS, María Teresa. La traducción al español de los *Escritos* de Jacques Lacan. ¿Una polémica fructífera? **Revista Electrónica de Psicología Iztacala**. México, n. 16, (3), p. 1055 – 1072, 2013 [N. do T.].

¹¹ PASTERMAC, Marcelo. *1236 errores, erratas, omisiones y discrepancias en los Escritos de Lacan en español* (edición argentina montada por Jorge Baños Orellana). Buenos Aires: Oficio analítico, 2000.

vezes fazia a minha própria desgravação), com isso tive bastante experiência sobre como estabelecer um texto oral. Já tinha passado pela experiência dessas desgravações, de transformar aquilo que no seminário era um gesto numa frase escrita. Isso me ampliou a visão quando tive que trabalhar as distintas versões francesas dos seminários, que é - eu acho - meu trabalho, mais do que traduzir. Trata-se de ler as diferentes versões, com muitas discrepâncias, e tem que se estabelecer um texto aceitável (cientes de que o original não existe), legível e, além disso, verossímil. Por exemplo: o texto do Miller é muito legível, mas inverossímil. Não é porque esteja equivocada, mas porque a sintaxe está completamente mudada. As frases de Lacan tem meia página, as de Miller meio parágrafo. E essa respiração da frase, também é respiração do pensamento: se a frase é mudada, muda também o pensamento. Ora, também é certo que a gente pode encontrar o material bruto e fazê-lo ilegível. Então, devemos ter muita prudência com cada vírgula colocada.

Alejandra Ruíz.: Nesse ponto, eu gostaria de incluir uma questão que me parece importante. Por um lado, o estabelecimento do texto, cotejar diferentes versões, abre uma multiplicidade de alternativas que poderiam, inclusive, converter-se em infinitas; por outro lado, tanto no estabelecimento do texto como na tradução não se pode não tomar uma decisão. Há que se escolher uma versão.

R.R.P.: Isso foi o que me apaixonou. Não é que eu goste de traduzir. Rapidamente, encontrei-me seguindo o velho conselho de Lacan: façam palavras-cruzadas. Juntar traduções é fazer palavras-cruzadas, porque você tem escolher constantemente o que colocar no corpo do texto e o que mandar para as notas.

A.R.: Certo. A outra questão é que há uma poética em jogo. Por exemplo, nas versões de Miller há uma psicanálise *mass media* na qual são aplanadas ou eliminadas as complexidades. A tradução acarreta uma política da língua, uma intervenção sobre um suposto tipo de leitor que, ao mesmo tempo, vamos produzindo através dessa mesma política. As frases curtas, assertivas, que eliminam as subordinadas, fazem fórmulas positivas das negações, atenuam ou aplanam as contradições, normativizando a utilização de um termo, supõem um leitor adscrito ao discurso universitário e que, dificilmente, poderia tolerar nem os

tempos do inconsciente, nem a lógica da análise. A tradução como política da língua supõe – e produz – um determinado tipo de interlocutor. Não apenas porque permite o acesso de uma nova comunidade de falantes, mas também porque essa nova língua vai ter efeitos sobre como é pensada a própria psicanálise.

RRP.: Sim. E já que menciona a palavra “política”, agrego outro ponto. Vejo meu trabalho como um hobby mais do que como um trabalho, mas também tem um ponto de vista político. Por exemplo, lembro que na Escola, em 87, *El síntoma (sinthome)*¹²¹³ era tido como lido e acho que muita pouca gente o leu. Por causa de uma dificuldade, comecei traduzindo a versão do Miller de *Ornicar?* Miller faz uma leitura que não é desprezível. É verdade que em muitas ocasiões omite e muitas vezes inventa, mas, ao mesmo tempo, é também uma leitura respeitável. Não temos porque atribuir-lhe todos os erros dos tradutores. As traduções dos seminários editados por Miller – particularmente a tradução de *Encore* – são muito problemáticas. No seminário *La angustia*, por exemplo, fazem que Lacan diga sobre o Hamlet o contrário do que disse. Então, como política da Escola, decidi traduzir *El síntoma (sinthome)*. Essas primeiras traduções pretendiam incidir na leitura da Escola. Houve uma intenção política, como também houve uma intenção política ao querer criar consciência sobre a dificuldade da tradução. Por isso, as minhas primeiras versões (porque eu as corrijo, as reviso, as envio para um conjunto de pessoas para revisão) estavam cheias de notas, e não é que eu goste. O que acontece é que desejava criar consciência do problema. Agora, ao contrário, quando reviso as minhas traduções de *La angustia* ou de *La identificación*¹⁴, suprimo muitas notas. Porque, além disso, hoje conto com edições críticas francesas que antes não tinha. Estamos falando de um tempo em que tínhamos fotocópias, não havia internet. Fiz as minhas primeiras traduções numa Olivetti. Agora é mais fácil, antes era difícilíssimo. Mas já nesse momento havia uma intenção política de criar consciência de

¹² LACAN, Jacques. *O Seminário -Livro 23- O Sinthoma*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Trad. Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

¹³ Na versão estabelecida publicada pela Editora Paidós, este seminário foi intitulado: *El Sinthome*, mantendo a forma francesa inventada por Lacan, mas com a inclusão do artigo em castelhano. Na versão crítica realizada por Ricardo Rodríguez Ponte, para circulação interna da Escola Freudiana de Buenos Aires, o mesmo seminário foi intitulado: *El Síntoma* (N. do T.).

¹⁴ Seminário proferido por Jacques Lacan no período: 15 de novembro de 1961 - 27 de junho de 1962. Até a data, não foi publicada a versão estabelecida. Em castelhano, contamos com uma versão crítica realizada por Ricardo Rodríguez Ponte, para circulação interna da Escola Freudiana de Buenos Aires. Em português há também uma tradução para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos de Recife. *Transversal – Revista em Tradução*, Fortaleza, v.1, n.2, p. 72-89, 2015.

que o texto de Lacan tinha um problema que, na minha opinião, era um problema da Escola.

A.B.: Ao mencionar a questão política, você está dizendo que há uma poética que se põe em jogo: que relação há entre essa política e a transmissão da psicanálise? Quando afirma que é uma questão de Escola, está dizendo que essa transmissão inclui uma forte interrogação acerca de como se faz para passar esse texto oral – com seu ritmo, sua respiração, seus equívocos, sua enunciação – para o papel? Há certa preocupação por isso.

R.R.P.: Sim, claro. Mesmo colocando preto no branco e dizendo que é uma tradução, que há mãos interpostas (a do/dos transcritores, a do tradutor), uma vez aclarado isso, aí sim vem o ideal de aproximar o mais possível a tradução do texto fonte. E neste ponto parece-me que há que se respeitar as cesuras, as interrupções, as digressões. Miller, por exemplo, transforma o que é digressão em parágrafo diferente. Lacan é um discurso oral, então o que acontece em um discurso oral? O sujeito começa a dizer algo, de repente cruza com uma ideia e segue por aí, depois se lembra do anterior e, de repente, volta para a primeira ideia. O problema é como dar um lugar para isso. Há uma maneira, que encontrei na transcrição de Roussan, que é uma versão crítica muito interessante e consiste em que ele faz distintas entradas dos mesmos parágrafos. Então, seguindo o mesmo parágrafo, vê-se onde há um parêntese, onde retoma...

A.R.: Com certeza, porque a pontuação é uma fixação de sentido. Se a gente mudar a pontuação de um ou dois parágrafos, faz surgir outro texto. Também quando se apresenta uma homofonia no estabelecimento, a transcrição, à medida em que um ou outro termo é escolhido, se define o sentido. Se Lacan pronuncia um som que pode se escrever de duas ou três maneiras – já que este tipo de homofonias é frequente no francês – quem faz a transcrição costuma escolher só um dos sentidos, porque a escrita é sequencial e não se podem escrever três palavras uma em cima da outra. As notas, corpo fundamental das suas contribuições como tradutor, atenuam e ao mesmo tempo permitem uma ampliação sobre esses efeitos da passagem de línguas. Por outro lado, na sua tradução de *Encore* se destaca que

não fez o que faz a tradução oficial, que define um dicionário para todo o texto e a palavra *Encore* é traduzida sempre da mesma forma, como “*aún*” (ainda), mas você vai escolhendo distintas palavras no castelhano para traduzir os muitos sentidos que essa palavra tem no francês.

R.R.P.: Com certeza, não faço isso porque seria forçar.

A.B.: Há palavras que, ao passá-las para o espanhol, não conservam a ambiguidade homofônica que tem em francês. É o caso de *symptome* e *synthome*.

R.R.P.: Para falar de uma diferença, há que se buscá-la teoricamente, não no nível dos textos fonte. Ninguém pode se basear em um texto fonte para dizer “aqui Lacan disse *symptome* ou *synthome*, aqui sem *h* e lá com *h*”.

A.B.: O senhor afirma que a transcrição não é suficiente para localizar essa diferença.

R.R.P.: Exatamente, onde há homofonia não é suficiente. Isso é algo que deve ser discutido, temos que ir à teoria ou localizá-lo no contexto. Para completar, nesse seminário, Lacan brinca deliberadamente com esse equívoco. Não temos apenas o problema do equívoco homofônico, mas também o fato dele brincar deliberadamente: o pai será um sintoma (*symptome*) ou um *synthome*?

A.B.: E, por que, em sua opinião, Lacan faz isso?

R.R.P.: Parece-me que isso é um pouco a união da ideia que Lacan faz do ensino e a ideia que faz da clínica. Quando Lacan diz que a clínica é o que se diz em uma psicanálise, rompe com todas as caixinhas. Acabou histeria, obsessão, fobia: não é que não se pode falar disso, senão que a clínica é o que se diz, e o que se diz não se pode fixar. Por que não? Porque em seguida vem outro dito. Então, o ensino de Lacan é constantemente modificação. Não se ata a nenhum dito.

A.B.: Quando Lacan disse que no seminário fala a partir do lugar de analisando, sua fala permitiria deduzir que abre à liberdade de escuta àqueles que estão ali?

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.1, n.2, p. 72-89, 2015.

No sentido de tomar àqueles que depois vão transcrever sua obra como analistas que poderiam ter certa liberdade de escuta. Há tantas versões e homofonias, muitas mais que as que temos. Lacan abre para isso? Porque o que o senhor disse me fez pensar nessa abertura para uma multiplicidade de sentidos.

R.R.P.: Sim, acho que ele aposta no discurso para além dos enunciados. É importante prestar atenção no fato de que ele – pelo menos é assim que se diz – disse para Miller estabelecer seus seminários. Em *Encore*, Lacan disse que não leu o *Seminário XI: Los cuatro conceptos...*¹⁵ Não sei se acredito nisso, mas não interessa: pelo fato de dizê-lo dessa forma, está dizendo que “onde congelam a minha palavra, eu já não estou ali”.

A.R.: Essa radical fluidez implica um movimento que evita coagular a teoria em sintagmas cristalizados. Os conceitos, à medida que Lacan está falando em um contexto ou sobre um tema dado, mudam. Falar da repetição na histeria não é o mesmo que falar da repetição na neurose obsessiva. Digo isto porque costuma falar-se de cortes históricos que fazem mudar os conceitos, por exemplo, em tal ano Lacan disse tal coisa sobre a repetição e em tal outro disse tal outra, mas se abstrai qual contexto o está dizendo, sobre que tema, para quem fala. O corte histórico é importante, porque às vezes um conceito muda efetivamente no tempo, mas há outros planos que também contam e que fazem que os conceitos não signifiquem o mesmo em qualquer lado.

R.R.P.: Sim, é assim. Entendo que a pontuação temporal é importante justamente porque os ditos têm valor em um contexto. Porque eu acredito que há algo assim como grandes continentes conceituais. Por exemplo, entre o *Seminário V* e o da *Angustia*, há distintas mudanças (a definição do sujeito é uma enorme novidade, o objeto *a* como designação algébrica é outra novidade), mas mais ou menos os términos se entendem entre si. Agora, já é mais difícil juntar o *Seminário V* com o *Seminário XX*. Então, há que se buscar horizontes conceituais que permitam agrupar alguns seminários, mas não qualquer um.

¹⁵ LACAN, Jacques. *O Seminário - Livro 11 - Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1965. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.1, n.2, p. 72-89, 2015.

Além disso, Lacan discute o término “conceito”; não sei porquê acabou aceitando o título de Miller. Se bem que Lacan falou de “conceitos” no *Seminário XI*, no *XII*¹⁶ diz “não creio que o conceito possa funcionar como fundamento para a psicanálise”. Claro, porque o conceito é algo fechado e, se o que transmitimos tem a ver com o real, o real é a-conceitual. Este é um ponto importante que se relaciona com a pergunta anterior da Adriana: a transmissão não pode prescindir do equívoco se o real está em jogo.

A.B.: No meu entendimento ele pega a palavra “conceito” baseando-se na epistemologia que Freud faz nas *Pulsiones y destinos...*¹⁷, onde diz que os conceitos em psicanálise nunca aceitariam uma rigidez nas definições. É um conceito, mas com essa particularidade que faz aos conceitos em psicanálise, baseando-se nessa epistemologia.

R.R.P.: Bem, é uma epistemologia um pouco estranha de Freud, porque ele dizia que era como o chapéu do prédio. Não estava na base, mas no topo. Fundava de cima.

A.B.: Também há algo importante que se relaciona com isto. Porque, além da homofonia, Lacan faz todo um estalido com as palavras *Unbewusste* e *l'une-bévue*. Como podemos pensar isto em função da transmissão? Que tome uma palavra em outra língua e que faça aí uma transcrição fonética.

R.R.P.: Bem, aí está em jogo a política de transmissão. O que fazer com os neologismos, por exemplo? Alguns podem ser passados para o castelhano, mas outros parecem-me que não convém. Por exemplo, o critério que eu usei com o *l'une-bévue* é

¹⁶ *Os Problemas cruciais da psicanálise*. Seminário proferido por Jacques Lacan no período: 2 de dezembro de 1964 a 23 de junho de 1965. Em castelhano, contamos com uma versão crítica das quatro primeiras aulas e dois anexos, realizada por Ricardo Rodríguez Ponte, para circulação interna da Escola Freudiana de Buenos Aires. Em português há também uma tradução para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos de Recife.

¹⁷ Refere-se ao texto de Sigmund Freud (1915): *Triebe und Triebchicksale*. Até a data, no Brasil foram publicadas as seguintes traduções: 1) Os instintos e as suas vicissitudes. Direção de Jayme Salomão. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974. 2) *Pulsões e seus destinos*. Tradução de Luiz Alberto Hanns. *Coleção Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004. Os instintos e seus destinos. Tradução de: Paulo César de Souza. *Obras Completas*. v. 12. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012. 3) *As Pulsões e seus destinos*. Edição Bilingue. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. *Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: 2013.

deixá-lo como está; fazer as notas suficientes para que o leitor entenda o que está em jogo, mas deixá-lo como está. Outro exemplo, *parlêtre*; qualquer tradução que fosse feita seria ruim.

A.R.: “Hablaser” é horrível.

R.R.P.: É horrível e, além disso, perde-se a relação entre *parlêtre* e *paraître*, por exemplo. A minha teoria da tradução, em abstrato, é: “tudo é traduzível porque nada é traduzível”. Nesse ponto me sinto borgiano. Os idiomas são incomensuráveis. Isso é o ideal. Dois idiomas são dois modos de conceber o universo. Ora, o que acontece? Dentro da política de transmissão a gente tem em conta a quem se dirige. Isso regulou muito a minha maneira de traduzir, a minha decisão de fazer ou não uma nota. Eu comecei dizendo: “Não temos que fazer notas” (ou, pelo menos, não fazer notas eruditas). Mas se aqueles aos quais estou me dirigindo não souberem quem é o senhor Teste – uma personagem de Paul Valéry –, então, preciso colocar uma nota. Do ponto de vista do ideal de tradução, eu não gosto das minhas traduções. Mas preciso considerar para quem estão dirigidas. Em primeiro lugar, eu me dirijo à Escola. Tudo o que faço está em função da Escola. Não escrevo para outra parte. E depois, meus alunos, para quem envio as minhas traduções. Depois eu regulo meu trabalho em função dos meus destinatários. Por exemplo: já não faço notas de contraste, para que? Ao longo dos anos fui diminuindo as notas de contraste, de confrontação, e aumentando as notas eruditas que são de informação bibliográfica ou de contato entre os seminários.

A.R.: O fato de que Lacan formule real, simbólico e imaginário como registros e não como conceitos, constitui uma crítica implícita à noção de conceito, um limite, um modo de furá-lo?

R.R.P.: Sim. Na transmissão, sempre há um balanço entre enunciado e enunciação: o conceito é um enunciado. Agora, se o sujeito fica sozinho na enunciação, não há transmissão, porque não se sabe o que se transmite, e se se fica sozinho no enunciado, morre a palavra. Ou seja, há que se buscar um balanço onde se faça lugar aos enunciados transmissíveis, mas sem perder a nota de enunciação.

A.R.: A psicanálise se originou em língua alemã, depois teve um forte desenvolvimento e uma forte marca do inglês com termos como *acting out* que, a meu ver, são intraduzíveis, e mais tarde do francês. Qual é a contribuição do manejo de distintas fonéticas, distintas línguas que se deslizam? Há algo do ofício do analista nesta passagem por distintas línguas?

R.R.P.: Em princípio, trata-se de uma prática que deveria fazer parte da prática do analista: a prática da leitura. Ou seja, para traduzir temos que ler bem. Ler bem é ler o que a letra diz e não aquilo que a gente acha que deveria dizer. Obviamente, quando estamos enfrentados com distintas versões, a gente fica mais atenta ao peso da letra. Mas eu não diria que precisamos saber idiomas para sermos psicanalistas, de maneira nenhuma. Aliás, eu leio melhor Lacan porque traduzo, porque me exijo dizer nas minhas palavras aquilo que li em francês. Porque quando eu não estou traduzindo, quando estou lendo um seminário por outras razões (por exemplo, para dar um curso), aí não estou fazendo tradução e, então, leio-o com um pouco de dificuldade porque não manejo bem o francês como manejo o castelhano – ou quiçá isto é uma virtude, porque meu pensamento funciona melhor lendo em francês porque eu presto mais atenção. Mas eu me benefico muito das traduções. Quando me agradecem digo que não tem nada do que agradecer porque é por ter alguém para quem enviar as traduções que me dou o trabalho de traduzir, se não, não o faria porque não há dinheiro que pague esse trabalho.

A.R.: Quando pensamos *LaPsus Calami*, propomos certo desafio. Escrever notas de leitura que refletissem as diferenças entre alguns autores que lemos, que trabalhamos e que nem sempre coincidem entre si e que, ao mesmo tempo, se fundamentam em Lacan. Ler essas diferenças – não derridianas – é uma tarefa interessante para uma geração que recebe a psicanálise através de outra geração de leitores importantes, onde já há posições tomadas, que nem sempre são fáceis de ler e que às vezes implicam traduções dentro da própria “língua lacaniana” (se acaso existisse...). Esse trabalho de leitura interessa a várias gerações porque implica questionar os mesmos términos em que transmitimos a teoria, para desfazer o efeito que o passar do tempo e o uso vão fazendo sobre as palavras. Por isso propomos, levando essa aposta ao limite, que antes que escrever, queríamos

ler. Entretanto, não ignoramos que uma leitura é – não poderia não ser – uma nova escritura.

R.R.P.: Sim, isso é algo muito importante. Entre nós e Lacan se interpõem distintas leituras, com as quais deve-se ver o que fazer. Eu estudei com Masotta; quando ele se foi, tive a necessidade de passar um ano lendo kleinianos para tomar distância de um discurso tão bem articulado. Era um discurso muito poderoso pela articulação, a tal ponto que o sujeito poderia seguir o programa de Masotta sem ele, simplesmente seguindo o esquema que havia dado no começo. E senti uma necessidade de liberar-me disso, e depois voltei a lê-lo, claro. Mas sair disso foi fundamental.

A.R.: **Retomo algo que o senhor disse antes e que eu gostaria sublinhar ao meu modo. Se a língua fonte propõe que tudo é traduzível e nada é traduzível ao mesmo tempo, isto é, que há uma resistência na língua ou, para ser mais precisa, há um real que não passa. Como intervém o sentido? Se a tradução fosse pensada como uma escritura que fundamentalmente afeta o sentido, como uma bijeção na qual cada palavra da língua fonte teria uma correspondência na língua alvo, ficaríamos presos num plano imaginário. Ao contrário, se pensarmos poeticamente a língua, e buscamos um efeito de sentido na língua alvo que fosse similar ao efeito de sentido na língua de origem, cada tradutor de Freud ou de Lacan estaria forçado a reinventar toda a psicanálise.**

R.R.P.: Aí temos a discussão sobre a tradução de poesia: literalidade ou sentido? Eu acho que no nosso tempo, quando ainda estamos lendo Lacan – para o Miller não, para ele já está lido, mas para nós ainda estamos lendo –, devemos nos inclinar pela literalidade. Não se trata de um ideal de tradução, mas justamente essa distância que temos com o texto de Lacan, as dificuldades com a transcrição e nosso tempo de leitura que ainda não foi concluído – e, a meu ver, falta muito para sua conclusão –, fundamentam nossa decisão: perder a literalidade é perder o lugar ao qual pode-se voltar para mudar.

A.R.: Claro, isso seria perder a pista. Por isso acho interessante quando seu trabalho de tradução conserva a língua fonte em alguma palavra e em uma nota de rodapé se espraia sobre os distintos sentidos que uma tradução qualquer omitiria.

R.R.P.: Claro, e há que se decidir. Existem jogos de palavras ou neologismos que convém traduzir porque não tem sentido perder tempo com eles, porque não são essenciais, mas há outros que devem ser mantidos.

A.B.: Nesse sentido, traduzir é interpretar?

R.R.P.: Sim, traduzir é interpretar. Sobre isso George Steiner escreveu um maravilhoso livro que se chama *Después de Babel*¹⁸. Steiner é poliglota, ele maneja sete idiomas, sonha em distintos idiomas e eu diria que noventa e nove por cento do livro é baseado em *Pierre Menard, autor do Quixote*. É uma teoria da tradução como interpretação. Interpretamos o tempo todo, não apenas quando vamos traduzir.

A.R.: Para a cultura argentina também é um tema central, porque estamos em uma cultura fundada na tradução. É algo muito rioplatense. Para Borges, o tradutor é um escritor por antonomásia. E o mesmo texto, escrito em outro contexto, é um novo escrito.

R.R.P.: Sim, estamos nos desviando um pouco do tema, mas eu acredito, sem ser especialista nisso, que há uma diferença: parece-me que a tradição aqui é que as traduções foram feitas por escritores. Em *Tres tristes tigres*¹⁹, de Cabrera Infante, aparece em um capítulo como a literatura francesa chegou a Cuba: os livros estavam todos escritos no estrangeiro. Ao contrário, aqui, as traduções são boas traduções porque são feitas por escritores. Foram bem passadas.

A.R.: Algo similar aconteceria com as traduções de textos psicanalíticos?

¹⁸ STEINER, George. *Depois de Babel: Questões de Linguagem e Tradução*. Trad. Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora UFPR, 2005.

¹⁹ Em português há duas traduções do livro *Três Tristes Tigres*, do escritor cubano Guillermo Cabrera Infante. A primeira, publicada pela Editora Global (SP) em 1986, de Stella Leonardos, e outra mais recente publicada pela Companhia das Letras (RJ) em 2011, a cargo de Eduardo Brandão. *Transversal – Revista em Tradução*, Fortaleza, v.1, n.2, p. 72-89, 2015.

R.R.P.: Os *Escritos*, por exemplo, é uma boa tradução com erros. Segovia escreveu os *Escritos* em castelhano, mas com muitos lapsos, omissões. Os seminários, por exemplo, *La Angustia* traduzida por Irene Agoff, está muito bem traduzido. Há outras versões que poderia mencionar. A minha preocupação é transmitir que somos responsáveis pelo que lemos. Se alguém quer se conformar com a edição oficial que é fácil, rápida e muito enxuta, bom, fica a critério de cada um, mas que saiba o que está perdendo.

A.R.: Um problema que às vezes se observa acontece com frases que em francês são negativas. Por exemplo: “Não é sem o desejo como o analista avança”, se traduz por: “Com o desejo o analista avança”. Uma condição necessária se transforma em suficiente.

R.R.P.: Sim, muito boa observação. Também estou de acordo, uma vez o disse em uma escola na qual me convidaram. O *ne que*: não é a mesma coisa dizer “somente” que “não mais que”, porque perde o “não”, e o “não” em psicanálise é importante.

A.R.: Temos também uma pergunta sobre as traduções de Freud. Se fosse necessário escolher confrontar López-Ballesteros²⁰ e Etcheverry²¹, qual seria a sua preferência?

R.R.P.: Eu tenho duas preferências. Se for ler por ler, porque quero avivar o que dizia Freud, leio Ballesteros. Se tiver que fazer citações, Etcheverry, porque embora não goste de algumas das suas decisões, eu sei que a mesma palavra alemã tem a mesma tradução castelhana. Então, é um suporte muito útil para aquele que não sabe alemão. Eu sei que se diz *represión*, buscamos em Etcheverry e uma palavra como *Verdrängung* é sempre *represión* (mesmo que Etcheverry coloque entre parêntese *esfuerzo de desalojo* e coisas desnecessárias, porque já não se trata de uma palavra da língua senão de um termo freudiano). Ao contrário, se for buscar na versão de Ballesteros, encontramos que uma palavra como *Verdrängung*, em um lugar é *represión* e em outro é *esfuerzo de desalojo*

²⁰ Luis López-Ballesteros y de Torres (Espanha, 1896-1938). Por volta de 1922, foi convidado por Ortega y Gasset para empreender a primeira tradução castelhana das chamadas *Obras Completas de Freud*, sob o selo da *Biblioteca Nueva*.

²¹ José Luis Etcheverry (Argentina, 1942-2000) tradutor e estudioso de filosofia, foi o responsável pela segunda tradução castelhana das *Obras Completas de Sigmund Freud*, publicadas pela Editora Amorrortu. *Transversal – Revista em Tradução*, Fortaleza, v.1, n.2, p. 72-89, 2015.

sem esclarecimentos de que se trata do mesmo conceito psicanalítico. Para saber o que disse Freud no geral, dá na mesma uma ou outra tradução, a teoria não está no detalhe. Mas, em se tratando de dar aulas ou escrever algo, acredito que o conveniente é Etcheverry.

A.B.: A última tradução que você fez foi *Encore*. Quais seriam algumas particularidades dessa tradução que você gostaria de destacar?

R.R.P.: A tradução “oficial” de *Encore* é inutilizável. Faltam frases de Lacan que estão na versão francesa. Há palavras que não estão no texto que supostamente traduzem. E há um caso terrivelmente chamativo: incluem uma palavra que não existe no texto fonte e fazem uma nota explicando-a. É uma versão muito ruim. As outras transcrições são melhores? Mais ou menos... Por outro lado, se compararmos a versão em espanhol do *Seminário III: Las psicosis*, pode-se dizer que esse texto reflete corretamente a versão editada em francês. Ao contrário, *Encore* é um caso muito difícil porque há uma versão crítica, que supostamente reunia e cotejava várias versões e que, entretanto, não é impecável. Logo, há mais quatro versões: a da Associação Lacaniana, a da secretaria, a J.L., e a de Miller.

A.B.: Na aula de 13 de fevereiro de 1973, precisamente há uma frase que anuncia o “outro gozo”. Diz assim: “É falso que haja outro. Isto não nos impediria jogar com equívocos mais uma vez a partir de *falso* (falta) que não fosse esse. Suponham que haja outro, mas justamente não há. E por isso mesmo, porque não há, e que disso depende o *que faria falta que não*, a guilhotina, mesmo assim, cai sobre o gozo do qual partimos. Tem de ser esse por falta – entenda-se como culpabilidade – por falta do outro que não é”. Eu estive olhando em distintas versões e gostaria de perguntar sobre esse parágrafo. Diz: “Se o outro é o gozo do qual partimos”, gostaria de perguntar sobre esse parágrafo. Em sua opinião: Lacan está falando aí do gozo fálico.

R.R.P.: É um parágrafo muito difícil porque *il ne faut pas* forma parte de um equívoco. Pode ser traduzido como *não é necessário* ou *é necessário que não* e isso muda muito o

sentido. Diana Rabinovich fez o que pode, não a questiono: *É necessário que não seja*. O que acontece é que teve que adicionar verbos que não existem. Eu fiz várias versões, testei várias. E na minha última versão, como Lacan num momento disse: *O gozo não convém*, decidi traduzir assim: *Não convém*.

A.B.: O gozo que não convém, por culpabilidade, refere-se ao gozo fálico?

R.R.P.: Lacan deixa isso ambíguo. Ele é deliberadamente ambíguo, e está fazendo obstáculos para que o sujeito decida com certeza uma coisa ou a outra. É mais, te diz: “Não há outro além do gozo fálico... salvo esse”. Então, há outro ou não há? Não se pode nem apagar que não há outro nem assegurar que há outro. Essa maneira de dizer deixa o outro gozo em um estado de suposição: nem que sim, nem que não.

A.B.: É interessante porque ali se refere ao gozo opaco do sintoma, algo assim como o gozo esse que não convém. O que não convém é o gozo fálico?

R.R.P.: O não convém do qual fala aqui apenas se aplica à relação sexual. Não se trata de que não convém a qualquer coisa. Então, efetivamente, o gozo fálico não convém à relação sexual; obstaculiza-a. É uma aula muito difícil. Fica aberta com isso de colocar um suspense na interpretação, atendendo ao fato de que Lacan deliberadamente mantém um suspense. Depois também o mistura com falso: *falir, falloir e faux...*

A.R.: O lugar que a leitura dos seminários e a teoria tem na formação de um analista apresenta numerosas interrogações. Como não seria possível “aplicar a teoria” à clínica, porque, como você assinalou, não há caixas prévias tampouco um *a priori* da teoria que pudesse ir mais além do caso singular, caberia extrair a teoria da clínica que cada analista produz?

R.R.P.: Creio que a diferença entre teoria e clínica é uma diferença errônea e perimida, desde o momento em que Lacan diz que não há teoria do inconsciente senão teoria da prática. Ou como quando diz que a clínica é o que se diz em uma psicanálise e também é o intervalo que Freud disse: alí apaga toda diferença. O que dá lugar a essa falsa dicotomia – como quando alguém diz “é muito teórico, mas pouco clínico”, ou “é um

analista muito clínico, mas nada teórico” - são idealizações. Se alguém lê mal um texto, lê mal na clínica. Se alguém lê um texto com óculos, lê com óculos na clínica. Parece-me que isto é fundamental. Creio que onde posso servir não é tanto em transmitir conhecimentos, senão uma maneira de ler e de pensar. Falamos de psicanálise, que é uma mesma experiência. O fundamental não é adquirir conhecimentos mas que te mude a cabeça, porque no momento que você está com o paciente, não tem teoria, não deve ter teoria, mas tem que ter uma cabeça mudada. O que Lacan diz no *Seminário XV*²²: que se produza uma subversão do saber.

²² O Ato (L'acte). Seminário proferido por Jacques Lacan no período: 15 de novembro de 1967 e 9 de junho de 1968. Inédito.